



## Pensando o Cuidar Através de Conversas Com Experiências que Acontecem Lá Fora

Thinking care through conversations with experiences what happens out there

**Ricardo Tammela**

Artesão, Educador, Arte-Educador – caminhante e desassossegado. Mestre em Educação. Extensionista e pesquisador do cotidiano. Apanhador das insignificâncias dos caminhos.  
UNIFASE – Centro Universitário Arthur de Sá Earp Neto – Petrópolis, RJ.  
ricardo.tammela@unifase-rj.edu.br

**Gleicielly Zopelaro Braga**

Mulher, legado das vozes que por séculos foram silenciadas. Feita de cigantias. Psicóloga. Mestranda em Saúde Coletiva. Extensionista.  
UFF – Universidade Federal Fluminense.  
gleici\_braga@hotmail.com

Como se fora brincadeira de roda- memória  
Jogo do trabalho na dança das mãos – macias  
O suor dos corpos na canção da vida – história  
O suor da vida no calor de irmãos - magia

**Resumo:** O artigo narra uma experiência vivida pela coautora no Programa Farmácia Viva da Universidade Federal da Paraíba, no município de Conde e arredores. Essa experiência dialoga com as pesquisas que vem sendo realizadas pelo autor, no campo da Extensão Popular. A narrativa da experiência resgata a importância dos saberes tradicionais e populares, que através do diálogo com a ciência, se torna uma estratégia poderosa no processo do cuidado, no campo da saúde. Da mesma forma, as questões aqui levantadas, apontam na possibilidade de novos caminhos, na construção de utopias, que podem se contrapor ao pensamento hegemônico representado pelo modelo de sociedade capitalista. Procuramos construir uma narrativa fluida, permeada pela conversa com os referenciais teóricos que sustentam nossas reflexões e com outros dois queridos convidados para esse artigo: Emmanuel Fernandes Falcão (EFF), educador e extensionista da UFPB - Universidade Federal da Paraíba, e Pajé Isaias Guarapirá Potiguara (Pajé IGP), da Aldeia Lagoa do Mato e de outras 32 aldeias na Paraíba.

**Palavras-Chaves:** Medicinas Tradicionais, Complementares e Integrativas; Atividades Cotidianas; Conhecimento; Atenção Básica.

**Abstract:** The article narrates an experience lived by the co-author in the Farmácia Viva Program of the Federal University of Paraíba, in the city of Conde and surroundings. This experience dialogues with the research being carried out by the author in the field of Popular Extension. The narrative of the experience rescues the importance of traditional and popular knowledge, which, through dialogue with science, becomes a powerful strategy in the care process, in the health field. In the same way, the questions raised here point to the possibility of new paths, in the construction of utopias, which can oppose the hegemonic

thinking represented by the model of capitalist society. We seek to build a fluid narrative, permeated by the conversation with the theoretical references that support our reflections and with two other dear guests for this article: Emmanuel Fernandes Falcão (EFF), educator and extensionist at UFPB - Federal University of Paraíba, and Pajé Isaias Guarapir Potiguara (Paj IGP), Aldeia Lagoa do Mato and 32 other villages in Paraíba.

**Palavras-Chaves:** Medicinas Tradicionais, Complementares e Integrativas; Atividades Cotidianas; Conhecimento; Atenção Básica.

### As coisas que nós vamos contar... (Introdução)

*“Cantando, dançando,  
passando sobre o fogo,  
seguimos  
no continuun  
da tradição,  
no rastro de nossos  
Ancestrais”<sup>i</sup>*

(Krenak, 2018).

Não vivemos a experiência de um tempo continuun, um tempo sem começo e sem fim, apesar de nosso tempo serem linhas... que trazemos, inclusive, traçadas em nossas mãos e podem ser lidas, interpretadas, desveladas... Nossos ancestrais perderam-se, pois já nascemos herdeiros desse tempo em que o passado  lembrança distante e não se constitui memória. Fomos privados, no nascimento, de viver uma “experiência autêntica ligada à memória de uma tradição cultural e histórica” (LOWI, 2019, p 43). Vivemos uma vida imediata. Uma vida que corre em uma única linha, vazia.

Krenak diz que “nossa ideia de tempo, nossa maneira de cont-lo e de enxergá-lo como uma flecha – sempre indo para algum lugar –, está na base do nosso engano, na origem de nosso deslocamento da vida” (2020, p 70). Essa ideia de tempo é como aprendemos desde que nascemos, a interpretar o mundo e crescemos nos distanciando da vida. Nosso “desenvolvimento acontece sem envolvimento” (KRENAK, 2020, p 24) e desde criança vamos nos fazendo consumidores da vida, mas dependendo do lado da linha em que nos situamos, não estaremos convidados para a grande festa que chamam de *progresso*.

O *progresso*  um grande trem que segue, sem parar, rumo ao futuro. Um trem que nos leva diretamente ao desastre, ao abismo. Sua velocidade, ou a sensação dela, é tamanha que o presente dura uma fração de tempo, curta demais para vivermos experiências. Ao mesmo tempo, as vidas

---

<sup>i</sup> *Continuun* – de Ailton Krenak, poeta xamã da etnia indígena krenak, líder indígena, ambientalista e filósofo. <https://ggrauna.blogspot.com/2018/08/pelo-fortalecimento-dos-povos-indigenas.html?m=0>. Acesso em 11/12/2020.

vividas que nos trouxeram até aqui, são consumidas na fornalha da locomotiva. É o nosso passado sendo descartado, sendo consumido pelo fogo que mantém o grande trem em movimento, movimento contínuo, que vai “largando pelo percurso tudo que não interessa, o que sobra, a sub-humanidade” (KRENAK, 2020, p 10). A locomotiva é a história contada pelos que venceram e o fogo que a alimenta, são todas as instituições que sustentam o capitalismo com a sua modernidade.

“Não tenha medo, meu menino povo [memória]” (GONZAGUINHA, 1980). Na beira da estrada, na borda dessa ideia de mundo cantada como se fosse o único possível, existem tantas e tantos que resistem. Tantas e tantos que não querem ser parte dessa viagem rumo ao abismo. “Povos, tribos, constelações de gente espalhados pela Terra com diferentes memórias de existência” (KRENAK, 2020, p 56). Estamos “desafiados pela dramaticidade da hora atual” (FREIRE, 2020, p 39) e somos parte do problema, ainda que sejamos os vencidos dessa história que não nos conta. O desastre se anuncia e não vai ficar ninguém de fora. O desastre é também uma experiência que precisa ser vivida e estamos dentro do desastre. Podemos ser aquelas e aqueles que farão a revolução? Será talvez, a revolução, o ato, dessa constelação de gente, que irá acionar o “freio de emergência” da história (LÖWI, 2005, p 156)?

Queremos pensar a substituição da distopia – que consome a vida, pela utopia – que imagina outros mundos. Uma outra humanidade é possível? Uma humanidade onde faça parte todos os seres, uma humanidade que convoque “nossas redes e conexões desde a Antiguidade” (KRENAK, 2020, p 33)? Não é tarefa fácil, mas é “tarefa histórica, é tarefa de homens” (FREIRE, 2020, p 51) e mulheres. Também não é tarefa individual, é tarefa coletiva – “quando eu percebo que sozinho não faço diferença, me abro para outras perspectivas” (KRENAK, 2020, p 104). É tarefa dos “demitidos e demitidas da vida” (FREIRE, 2020, p 42) e de quem com eles e elas se solidariza, “somente juntos, somente unidos, é que nós vamos conseguir uma coisa bem maior, chamada: *nossa liberdade*” (GONZAGUINHA, 1981)

Paulo Freire fala que o diálogo é condição de humanização de homens e mulheres (2020) e nossa narrativa traz esse diálogo – diálogo de experiências e inquietações, diálogo de saberes, diálogo de vidas com diferentes memórias e que de alguma forma, coloca nessa roda de conversa, os Ancestrais – a tradição marcada pelas experiências coletivas dessa constelação de gente que não constam na história contada pelos vencedores e que é também subalternizada pelo pensamento hegemônico que controla o fogo dessa grande locomotiva que nos leva ao desastre. Uma constelação de gente espalhadas nesse chão: Juvenais e Raimundos, Marielles e Marias, Emyras Waiãpis e Elitânias... humilhados e humilhadas, ofendidos e ofendidas, explorados e exploradas,

oprimidos e oprimidas, todos e todas “demitidos e demitidas da vida” (FREIRE, 2020, p 42), que “tentaram encontrar a solução, são cruces sem nomes, sem corpos, sem datas” (GONZAGUINHA, 1981).

A vida existe lá fora. Nosso percurso metodológico é estar onde essas experiências acontecem e fazem conhecimento. Onde somos sujeitos “na relação, portanto, um sujeito que investiga outro sujeito e que neste processo de investigação tem insights sobre o outro (sujeito a ser pesquisado) e sobre si mesmo (sujeito pesquisador)” (GARCIA, 2003, p 12). Regina Leite Garcia também nos fala que “só compreendendo aquilo que se olha, é que de fato se vê” (2003, p 11) e para se olhar, para se compreender, é preciso mergulhar nesse cotidiano das gentes que, embora estejam dentro do desastre, possam ser aquelas e aqueles que junto com os “demitidos e demitidas da vida” (FREIRE, 2020, p 42), e com aquelas e aqueles que com eles e elas se solidarizam, irão puxar o “freio de emergência” (LÖWI, 2005, p 156) da história.

Queremos contar, através de uma narrativa dialogada entre autor e autora, uma experiência no Programa de Farmácia Viva da UFPB – Universidade Federal da Paraíba (Conde, PB), vivida pela autora em novembro e dezembro de 2020, quando a mesma era Residente do Programa de Residência Multiprofissional em Atenção Básica da UNIFASE – Centro Universitário Arthur Sá Earp Neto (Petrópolis, RJ), onde participou do reflorestamento de plantas nativas da região (pau brasil, graviola, jacarandá, cajueiro, moringa, arueiro e pau darco) em aldeias tabajaras, enquanto os indígenas explicavam as fases da lua para plantio, os benefícios de algumas ervas, sobre as dificuldades de existência em meio ao cenário de incertezas do homem branco, participou da produção das tinturas – extração, maceração e envasilhamento, na UBS – Unidade Básica de Saúde, do município e participou do ritual da lua cheia com os potiguaras.

Larrosa nos conta que somos sujeitos da experiência e que a experiência, “funda também uma ordem epistemológica e uma ordem ética” (BONDÍA, p. 26, 2002), situando o saber que vem da experiência, na relação entre o conhecimento e a vida humana. Contudo, o saber da experiência apenas ganha significado se o mesmo puder ser partilhado pelas e pelos sujeitos que se encontram para pronunciar o mundo e assim transformá-lo (FREIRE, 2020), abrindo novas possibilidades, a partir dos caminhos percorridos, rompendo com o pensamento colonial que hierarquiza saberes, destacando por entre frestas a potência e riqueza dos saberes tradicionais na estratégia do cuidado, enquanto conhecimento autêntico, carregado de encantamentos.

**Emersão<sup>2</sup>... uma experiência que liberta!**

Ricardo Tammela (RT): Gleicielly, o que te motivou a fazer essa vivência em João Pessoa, através da Universidade Federal da Paraíba e como foi a experiência?

Gleicielly Zopelaro Braga (GZB): A vivência foi uma parceria com a UFPB e aconteceu em João Pessoa e também no município de Conde. O que me motivou a ir para lá foi o Programa de Farmácia Viva que eles têm. É uma forma de pensar, agir e executar as políticas públicas que muito se assemelha à forma com que eu penso, que trabalha... outras formas do cuidar, da prevenção e da promoção de saúde. O Programa de Farmácia Viva deles envolve não apenas o plantio dos hortos e o cuidado com eles, mas também os processos de tintura, a distribuição..., mas anterior a isso tudo acontece o curso... acontece o curso com alguns profissionais da rede, mas especificamente com os Agentes Comunitários de Saúde (ACS). Então, foram eles os primeiros a participarem e agora, esses seguem como preceptores, como tutores, são eles que dão continuidade nesse curso.

RT: Você disse lá no começo que é uma forma diferente do cuidar. Acho que podemos falar um pouco mais sobre isso, de como você vê o reflexo no cuidar? O que isso muda na prática do profissional de saúde, a gente está falando do profissional de saúde, não é?!?!

GZB: Sim, estamos... que quando eu comentei que os ACSs foram os primeiros... é... outras categorias profissionais também fazem o curso, fizeram, continuam fazendo... existe uma preparação semanal desses profissionais. No momento de pandemia, é claro, à distância, mas é algo que já vem rolando desde 2019. Bem, a implicação disso na prática é porque a gente vem de uma tentativa de... talvez na ausência de uma palavra... de “desmedicalizar” esse paciente... não seria isso, mas uma tentativa de empoderar esse sujeito, na participação dele em relação ao seu próprio cuidado, com a sua própria saúde. O que a gente vive e vem vivendo de muitas décadas para cá e de como que esse sujeito entra dentro do sistema como um paciente, passivo, ele chega dentro de um consultório e apenas recebe a prescrição medicamentosa, prescrição... enfim... outras delas, e é isso que muda... no meu ponto de vista é o que deveria mudar. Não uma verticalização do cuidado, mas uma horizontalização dele. Então, isso implica exatamente nisso, nesse outro cuidado, nesse

---

<sup>2</sup> Segundo o dicionário aurélio, **e m e r s ã o** é ato de emergir, de vir ou trazer à tona, e é justamente esse o significado da vivência na Paraíba. Quando exercemos uma reflexão do nosso trabalho, nosso saber, deixando para trás o modelo alienado de cuidado, então é possível gradativamente reduzir o distanciamento entre o saber tradicional e o acadêmico. Uma verdadeira libertação do lamaçal ao qual estávamos instruídos a praticar e incentivar. O diálogo pode proporcionar troca, compartilhamento, resgate. Quando mulheres e homens tem o poder da fala, ambos se sentem acolhidos para verbalizar sobre seus conhecimentos e experiências – GZB.

resgate. Então, quando eu penso por exemplo, em farmácia viva<sup>3</sup>, eu penso em autocuidado também.

RT: O Boaventura de Souza Santos, no texto sobre a Sociologia das Ausências, faz uma crítica à modernidade e um dos pontos que ele aborda é sobre a monocultura do saber e o rigor do mesmo – “É o modo de produção de não-existência mais poderoso. Consiste na transformação da ciência moderna e da alta cultura em critérios únicos de verdade e de qualidade estética” (2002, P 12). Na verdade, se a gente for pensar nesse argumento, do Boaventura, a gente pode dizer que essa relação tradicional das equipes de saúde com o paciente passivo, é isso, não é – a monocultura do saber, essa forma que as ciências da saúde estabeleceram como verdade é a única e não há espaço para outras possibilidades do cuidar.

GZB: É sim, com certeza. A gente pega o que vem acontecendo e é comum essa pessoa necessitada de atendimento, de cuidado, adentrar para dentro de um consultório clínico, seja ele no SUS ou na saúde privada, e quem é que está sentado ali na cabeça? É o profissional... quem é? É o acadêmico... ele passou 5, 6 anos em uma graduação, outros tantos em pós-graduação e outros tantos em tantas outras coisas, então... ele possui o saber. Não existe um momento de diálogo onde o profissional de saúde ali se coloca no lugar dos sujeitos, então... é dito para o sujeito o que ele deve fazer, de acordo com todos os anos de estudos, de todos os anos acadêmicos do profissional. Em momento nenhum é interesse valorizar o que ele sabe, inclusive o que ele sabe sobre sua própria dor. Se ele chega dentro de um consultório dizendo que sente dor de cabeça, vai ser medicalizado pela dor de cabeça e não pelo que pode estar causando, o que tem por trás dela, e pouco me importa se esse sujeito tem condição financeira de adquirir a medicação que eu estou passando, se ele tem condições de alterar a dieta que eu estou prescrevendo, se ele tem condições de fazer não sei quantas horas de atividade física. Porque na verdade, o que eu estudei que faz bem para ele é isso e não me importa se ele vai ter meios, formas... se ele quer, inclusive fazer... ou se ele enxerga outras formas de cuidado. Então, todos fomos treinados para entrar dentro de um consultório, dizer o que sentimos e receber uma receita, inclusive, às vezes, queremos ela bem mágica, não é?!?! que funcione para daqui a pouco.

---

<sup>3</sup> “Jamais a gente vê um Psicólogo pensar em alternativas como as plantas medicinais que sejam ansiolíticas em detrimento do medicamento estudado cientificamente, no caso específico dos processos depressivos, das doenças psicossomáticas, a gente vê que a saída ainda nas unidades de saúde é a medicação alopática, no caso, o rivotril, o lexotan e outros similares. No caso da gente aqui, foi uma discussão de grupo, do ponto de vista do conhecimento popular, mas também trazendo a sabedoria da academia, quando você trabalha os princípios ativos das plantas, com estudos já desenvolvidos pelas universidades, mas sem rechaçar aquilo que foi conhecimento acumulado na comunidade.” – EFF.

RT: Gleicielly, quando a gente fala de farmácia viva, a gente está trazendo para a prática do profissional de saúde, outros saberes. Vamos conversar um pouco sobre o que motivou<sup>4</sup> você a fazer esse estágio extracurricular em atenção básica em farmácia viva? Você já teve alguma experiência nesse sentido ou partiu de uma curiosidade ou de uma experiência que você já vinha construindo em sua trajetória profissional e humana?

GZB: Tanto as hortas quanto os hortos, o uso de chás e tudo, sempre foi algo assim... familiar. Em uma cidade de interior de Minas Gerais, os chás... existem chás para tudo. Existe sempre aquela vó, aquela tia que sabe todos os chás, de como preparar melhor as folhas, de como regar, de como plantar, a melhor época para colher, enfim, porque praticamente todos por lá já tiveram plantações. E, trabalhando no município de Petrópolis como residente multiprofissional em atenção básica, eu cheguei a construir junto com uma comunidade, uma horta. A iniciativa partiu de uma vontade delas (mulheres da comunidade), de um grupo que já existia em uma unidade de saúde, e era um grupo bem versátil, ora estávamos fazendo fuxico, ora estávamos discutindo receitas, ora estávamos fazendo tapetes e outros tipos de bordados que hoje em dia quase ninguém mais sabe. E de repente, esse grupo, por uma sugestão delas, virou um grupo de horta, também. Então, nós fizemos essa horta lá no espaço dessa unidade. Existia uma horta nessa unidade em um determinado tempo atrás, e foi destruída, então nós resolvemos fazer a horta em um outro ambiente dentro dessa mesma unidade de saúde. Pois bem, eu vi como era importante para elas estar ali, naquele espaço. Foi um espaço para além de apenas colocar a mão na terra e plantar algo. Elas utilizavam aquele espaço para tudo: para poder lançar ao vento as confidências... se sentiam bem ali, no meio do verde, mesmo, plantando. E desenvolveram naquele momento, laços que em outros momentos do grupo, não era possível, eu não vi isso existir. [🎵 silêncio]<sup>5</sup> Desenvolvi também em outra unidade... houve uma necessidade muito grande, por vários motivos. Porque com a horta, você consegue trabalhar a promoção de saúde, você consegue trabalhar uma forma mais saudável de alimentação, você consegue trabalhar a necessidade que as vezes a pessoa tem de estar ali se alimentando em momentos indevidos, comendo por ansiedade, a própria compulsão alimentar. Dá para se trabalhar várias linhas de cuidado, e não apenas com adultos... é possível trabalhar com

<sup>4</sup> “Quando a Gleicielly vem na disposição de participar do estágio, lembre-se que a Residência R2 não está trabalhando só uma compreensão da Unidade de Saúde, ela está se permitindo fazer um estágio diferenciado, quando ela se permite conhecer essas novas variantes. Eu digo variantes, mas não perdendo o rumo daquilo que como Psicóloga, ela vai trabalhar na limpeza de determinados temas, na pureza de determinados temas que a academia não dá conta” – EFF.

<sup>5</sup> A fermata é um símbolo na notação musical que passa uma autonomia para o intérprete, sobre o que ele vai fazer. Ela sustenta um movimento por quanto tempo o intérprete achar necessário. Em alguns momentos da conversa, recorreremos ao silêncio para que os pensamentos se ajeitassem e representamos o silêncio com a fermata, sugerindo que o silêncio seja sustentado pelo tempo que a leitora ou o leitor acharem necessário – RT.

adolescentes, com crianças, assim como já tinha feito em outra unidade. Então, quando eu fui para esse programa de farmácia viva, eu já tinha tido uma experiência com o plantar, com o plantio, com esse momento com a terra, como tudo isso pode ser terapêutico, como isso pode promover a saúde. Mas não necessariamente, eu tinha trabalhado com os chás. Fazia a orientação que me cabe, do uso de certas plantas que alguns outros profissionais já faziam... e já tinha conversado com alguém que também entende, mas não o que eu vivi lá, que foi o processo de tintura e foi algo não tão superficial quanto eu já conheci e foi algo bem mais aprofundado.

RT: Essa experiência que você teve, de que forma ela impactou na tua relação profissional? Você é formada em Psicologia, tem algumas especializações dentro de um modelo acadêmico tradicional... de que forma esse contato mexeu com essas verdades que são absolutas, essas verdades que a gente carrega quando sai da universidade e conclui uma etapa de nossa formação profissional? Ainda que você tivesse contato em sua cidade com essa prática dos chás, das avós... ainda que você tivesse contato com essa dimensão, de que forma essa experiência mexeu com as convicções que você traz da academia?

GZB: Na verdade, estar na atenção básica vem desconstruindo muito do que um dia eu achei que era verdade, não é?!?! Esse falso lugar do saber, que as vezes a gente ocupa. Enfim, não falso, eu diria, porque de certa forma, aprendemos, ensinamos, compartilhamos o tempo todo. E isso não desqualifica aquele ou aquela que esteve dentro de uma universidade. Então, [silêncio] para mim, estar lá, em João Pessoa, foi muito grandioso, porque, embora eu venha nesse processo de desconstrução e aprendendo a cada dia como que o sujeito, ele também sabe, ele também partilha, ele constrói... é possível construir junto com ele... empoderá-lo... devolver a ele essa autonomia, se é que um dia ele teve, enfim... caberia aqui outra discussão. Mas quando eu cheguei lá e me deparei com a minha preceptora de campo ser uma Agente Comunitária de Saúde... aquilo para mim foi um choque. Não um choque no sentido negativo – não, não vou aceitar e eu quero alguém de minha categoria profissional ou eu quero qualquer outro profissional de saúde graduado ou graduada. Não, o choque foi porque a gente nunca pensou nisso, entende?! Como que elas, as Agentes Comunitárias de Saúde, estão dentro do território... elas são o elo entre a Unidade de Saúde da Família com os profissionais da saúde e a comunidade... porque que elas não podem ser nossas preceptoras, nossas tutoras? Porque elas não podem ter um momento semanal, por exemplo, para nos passar o que elas conhecem do território e suas experiências? Não simplesmente de uma forma – a ACS vai nos passar agora o que está acontecendo. Não, sabe... até então eu não enxergava isso e quando eu voltei para Petrópolis e contei como o programa lá funciona e como as Agentes



Comunitárias de Saúde tinham esse domínio... elas dominavam esse tema, o da farmácia viva, e justamente uma ser minha preceptora, isso foi um choque para todos que eu contei, assim como foi para mim. Só não sei se foi bem aceito por eles como foi aceito por mim.

RT: Voltamos ao pensamento de Boaventura – o saber legítimo é o saber de quem tem formação acadêmica.

GZB: Sim.

RT: Essa pessoa, esse sujeito, que traz a formação acadêmica, dentro dessa lógica, é o único que pode ser preceptor de um outro sujeito em formação. Desconsidera completamente a experiência que outros sujeitos trazem e a importância dessa experiência na formação do outro e da outra. Paulo Freire fala muito sobre isso, o quanto pessoas com as suas experiências de vida, com os seus saberes, ainda que não sejam formais, são educadores e nós, educandos. Você consegue contar um pouco da experiência de sua preceptora, dessa Mulher que foi sua tutora e que você quando fala, fala sempre de um jeito com muita admiração e respeito pelo tanto que ela conhece, pelo tanto de conhecimento que ela traz?

GZB: Ela é uma mulher negra<sup>6</sup>, incrível, de um saber intenso, que os 33 dias em que eu passei lá, não foram possíveis de me fazer sentir que eu consegui conhecer uma pequena fração de tudo da vida que ela conhece e sabe. Pois bem, quando eu digo que foi um impacto para mim, foi também um impacto para ela no início do programa de farmácia viva. Inclusive, ela dizia isso para nós – não era apenas eu de Residente, havia outros e outras... e ela disse uma vez, que quando Falcão, o coordenador do programa a procurou e que ela seria nossa preceptora, ela quem passaria tudo para nós, ela quem rodaria conosco na comunidade, quem nos falaria de todos os processos do plantio até a tintura, ela mesmo questionou esse coordenador: *“como eu... eu, uma agente de saúde, uma mulher simples, de uma comunidade de uma cidade muito pequena, sem curso, sem graduação nenhuma, vou conseguir ser preceptora de pós-graduandos?”* (MJ). E a resposta dele foi simples e ela falava isso rindo: *“Pois não é você quem fez o curso, não é você quem está dando ele agora, não é você quem sabe de todas as etapas e não é você que continua aprendendo e porque não passar*

---

<sup>6</sup> “(...) isso está muito claro quando a gente fala da ruptura de paradigma e o protagonismo das condições de uma pessoa negra, que vem de origens quilombolas e indígenas, que estudou, fez o curso de enfermagem dentro de uma academia, mas que infelizmente pelas questões políticas não conseguiu chegar a ser considerada no trabalho, como profissional de saúde nesse nível, entretanto, pela sua sabedoria e pelos seus saberes científicos, ela se tornou agente de saúde e presidente do conselho municipal de saúde, então, não é um profissional qualquer.” – EFF.

*para quem ainda não sabe, porque não ser a preceptora, tutora, mentora, enfim...*" (Falcão). E foi exatamente isso que aconteceu. Ela tem o respeito de uma parte da comunidade acadêmica, ela tem o respeito da comunidade onde ela trabalha, o respeito dos demais profissionais de saúde e isso era muito lindo de se ver.

RT: A gente pode trazer outro pensamento do Boaventura que é sobre a subalternidade. Essa lógica de só considerar como válido apenas o conhecimento científico, faz com que um conjunto de outros conhecimentos, de outros saberes, que não estão dentro dessa caixa, do conhecimento científico, sejam considerados conhecimentos subalternos, de menor valor. E as pessoas também, são consideradas subalternas. É o caso da preceptora, que tem um conhecimento pela sua experiência, mas é também o caso do sujeito que procura a atenção básica e a sua experiência de vida não é considerada no processo do cuidado. São pessoas subalternizadas, são saberes subalternos.

GZB: Sim...

[👁️ silêncio]

RT: Quando a gente fala de farmácia viva, quando a gente fala da experiência da ACS, estamos falando de conhecimentos, saberes tradicionais. Você puxa isso também quando você traz para sua reflexão, a sua cidade de Minas, a tradição das avós com os chás, que eu imagino que atualmente venha se perdendo, mas você está trazendo o universo desses conhecimentos tradicionais. Vamos falar um pouco sobre isso?

GZB: É muito gostoso fazer esse resgate. Muito vem se perdendo ao longo dos anos... quando você é criança e sua avó fala para você tomar um determinado chá, que esse chá vai te fazer bem, você é criança e as vezes você não tem muita escolha e você vai acabar tomando os chás e lá na frente você vai lembrar se esse chá te fazia bem ou não, enfim... talvez você até não se lembre. Na medida que você vai crescendo você vai procurando outras vias e o capitalismo está aí, a correria... essa onda do imediatismo, do imperativo... então, eu quero tudo para ontem, e eu quero que tenha efeito prolongado. Então, em que momento que eu vou ligar talvez para minha avó, ou que eu vou ter guardado esse saber que o chá tal é bom para a coisa tal? Não, eu não vou... eu vou na farmácia comprar alguma medicação, eu vou chegar no médico e ele vai simplesmente me prescrever uma medicação alopática e é isso que eu vou aprender, é isso que a minha mãe me passou de certa forma, é isso que eu aprendi e é isso que eu passava para frente. A minha mãe pegou pouco da tradição dos chás, desse saber da minha avó, assim como eu peguei menos ainda da minha mãe.

Quando eu penso em resgate de cultura, eu penso que é uma coisa tão grande e que me escapa pelas mãos, porque é impossível falar disso sem conversar com alguém que saiba, com uma pessoa mais velha que esteja disponível a falar sobre. E o que aconteceu com essas pessoas que dominam esses saberes? Elas pouco querem falar porque sentem que seu conhecimento é desvalorizado. Elas não se sentem a vontade dentro de uma unidade de saúde falando sobre sua experiência daquele tipo de chá, sendo que é algo que ela conhece, é algo que ela sabe, é algo que ela aprendeu e que veio lá de trás. Porque? Porque ela não sente que tem propriedade sobre aquilo. Ela não se sente de fato valorizada para estar ali falando mesmo que eu enquanto profissional de saúde, enquanto ser humano, esteja dizendo para ela que eu quero muito aprender, eu quero saber sobre isso. Ela não se sente qualificada para falar sobre.

Nessa horta mesmo que criamos, dentro dessa unidade de saúde, em um determinado dia eu fui perguntar para uma participante do grupo e ela me disse: *“ah, minha filha... eu te falar sobre isso? Não, você sabe muito mais disso do que eu. É melhor eu me assentar aqui e você me dizer da propriedade desse chá”* (L.). Quando na verdade eu nada sabia, mas eu sabia por outras pessoas, que essa participante estava sempre recomendando, orientando, aquele chá. Quem é que sabia? Ela... mas ela tinha vergonha de me dizer. Porque não frequentou uma universidade. Porque não sabia ler. Porque não sabia escrever.

RT: É a relação de subalternidade. Historicamente essas pessoas são subalternizadas e se veem como inferiores em relação a quem detêm o conhecimento considerado verdadeiro, considerado legítimo, que é o conhecimento que vem da academia. Tem um aspecto que eu sei, não vamos conseguir entrar agora, porque ele daria um outro artigo, mas eu gostaria de deixar registrado, que é como as religiões de origem judaico cristãs foram e continuam sendo estratégicas nesse processo de apagamento dessas tradições, desses saberes tradicionais.

[☹️ silêncio] Nossa sociedade coloca esses saberes muito no campo do exótico, no campo do paganismo, no campo do oculto, do que está longe de nossa compreensão, então, as religiões acabam tendo em minha opinião, um papel estratégico nesse processo de apagamento, de não considerar esses saberes tradicionais e a experiência que essas pessoas trazem como experiências e saberes importantes e legítimos.

GZB: Sim, a igreja com certeza... parteiras, curandeiras, feiticeiras, bruxas... em que momento da história a gente já leu sobre isso?. Todos passamos por uma educação onde os livros de história relatavam muito bem essa questão. Onde elas eram jogadas? Eram jogadas em gaiolas, eram

queimadas em fogueiras... porque? Porque sabiam manipular ervas, sabiam que misturar uma erva com outra poderia causar esses e esses benefícios ou talvez, malefícios. E isso era estritamente proibido. Era um saber que na maioria das vezes era dominado por quem? Pelas Mulheres, e Mulher podia saber naquela época?

RT: Eu pensei em falar um pouco mais sobre sua experiência. A gente compartilha com o pensamento de que esses saberes são muito importantes e que eles podem dialogar tranquilamente com os saberes científicos. Mas eu penso que tem alguma coisa no campo da experiência que é muito próprio, é individual e que nesse caso, é a sua experiência. Fala um pouco para a gente sobre o que você viveu. Você me contou que participou de um Ritual da Lua Cheia<sup>7</sup>, da etnia Potiguara<sup>8</sup>. Como se insere esse ritual nesse campo que a gente vem conversando, de saberes tradicionais? A farmácia viva... o costume de sua avó com o uso dos chás... estamos estabelecendo aí uma relação com o que a gente pode chamar de ancestralidade. E como entra isso em sua experiência? Conta para a gente como você faz essa relação e como você refletiu a partir do que você viveu.

GZB: Trabalhar com... visitar, na verdade, porque eu trabalhei com outra etnia, os Tabajaras<sup>9</sup>. Mas os Potiguara... na verdade, é a segunda vez que eu encontro com eles. Ano passado, em uma outra vivência que participei em Conde, também estive com eles e inclusive, com o mesmo Pajé. Estar no meio deles é também aprender... e como que é possível aprender. O Ritual da Lua Cheia é um ritual que acontece em toda lua cheia, todo mês. É incrível... a relação que eles têm com a terra, a relação que eles têm com a natureza, não se dessemelhando dela ou se dissociando dela... somos natureza, nós... somos parte, somos todos. Não nos enxergamos como, mas eles sim. Então, eles agradecem à terra pelo que ela lhes dá... eles agradecem à lua, eles agradecem ao sol, ao vento, à chuva...

<sup>7</sup> “O Ritual da Lua Cheia é um ritual ancestral, da tradição Potiguara. Um ritual que era praticado por nossos antepassados dentro da mata ou na beira da praia, com uma grande fogueira e seu objetivo, é o encontro espiritual com a nossa própria ancestralidade. É um encontro de cura, de paz, de força e agradecimento pelos elementos sagrados da natureza, no caso a lua, o sol, as estrelas, a mãe terra em si e todo o conjunto da natureza, e em agradecimento também aos nossos ancestrais, nossos antepassados indígenas potiguaras e a todas as nações indígenas. É um encontro também de comunhão, fortalecimento, acolhimento, entendimento espiritual histórico e cultural. Então, resumindo, nessas palavras, o Ritual da Lua Cheia.” - Pajé IGP.

<sup>8</sup> “Povo guerreiro, da terra de Acajutibiró, os Potiguara constituem um grande exemplo de luta entre os povos indígenas no Nordeste brasileiro. Sua história de contato com a sociedade não indígena remonta ao início da colonização. Hoje, procuram manter o vigor de sua identidade étnica por meio do reaprendizado da língua Tupi-Guarani, do complexo ritual do Toré, da circulação de dádivas nas festas de São Miguel e de Nossa Senhora dos Prazeres, na produção dos idiomas simbólicos do sangue e da terra e na produção cultural dentro da prática do turismo étnico.” - Povos Indígenas do Brasil (ISA).

<sup>9</sup> “Os Tabajaras são um povo indígena que habitam o litoral do Brasil no trecho entre a ilha de Itamaracá e a foz do rio Paraíba. No século XVI, eram 40 mil indivíduos, e se aliaram aos colonizadores portugueses na Capitania de Pernambuco, além de terem ajudado a fundar o que viria a ser a Capitania da Paraíba. Atualmente, grupos dos estados da Paraíba, do Ceará e do Piauí reivindicam a identidade e a ancestralidade tabajara.” - Paraíba Criativa.

então, o Ritual da Lua Cheia que é um ritual onde eles acendem a fogueira, dançam em volta dela e ali acontece, por exemplo, a defumação nas pessoas que estão precisando, que se achegam ao Pajé e pedem as suas bênçãos. É um ritual que envolve cura, envolve entrega, envolve agradecimento, envolve pedidos. No Ritual da Lua Cheia, eles estão convidando a lua cheia para se achegar e é muito gostoso ver como que eles se relacionam com a natureza, como que eles se enxergam parte dela e como que isso na verdade, é um processo que vem acontecendo de resgate de cultura porque sabemos que até bem pouco tempo, eles não podiam fazer isso porque era considerado um ato pagão, isso era absurdamente proibido, assim como era para outras etnias e que não estão tão avançados nesse resgate de cultura quanto os Potiguara.

RT: O Ritual da Lua Cheia também tem uma dimensão que trabalha a espiritualidade. Eles resgatam, inclusive, entidades que estão presentes no invisível – são os encantados. Você participou do ritual como uma observadora distante, passiva ou participou da roda, do canto, da dança? E como foi? O que você sentiu durante o ritual?

GZB: O Ritual da Lua Cheia<sup>10</sup> envolve sim a espiritualidade<sup>11</sup>, ali denominada de Jurema<sup>12</sup>. Aliás, uma entidade comemorada em todo o Brasil. Eu não estava assistindo do lado de fora da roda. Quando você é convidado para o ritual, você pode apenas assistir e a roda vai acontecendo e no centro, bem lá no centro da roda, ficam alguns Pajés, Curumins, Caciques de outras aldeias que se reúnem nesse mesmo ambiente para poder estar ali fazendo e participando do ritual, e várias... várias mulheres. Eles tocam, cantam<sup>13</sup> e recebem sim entidades... encantados, como eles chamam. Tem outras

<sup>10</sup> “Quando eu vou para o Ritual da Lua Cheia e vou trabalhar com uma perspectiva de cuidado, então, é cuidado. Não é tratamento específico pela espiritualidade A, B ou C. Mas é o cuidado, é ter uma intenção de trabalhar as práticas de cuidado pelas práticas integrativas complementares. Então, o Ritual da Lua Cheia, nada mais é do que um atendimento, um chamamento daquilo que nós chamamos de ancestralidade. Ela está presente quando eu me ocupo de ouvir um pouco do que era antigamente do que eram as rezadeiras, as benzedadeiras, daqueles que faziam as garrafadas, etc... (...) você vai ver lá a defumação, a imposição de mãos, todo um cuidado que é ancestral também em uma ritualística espiritualista que converge para um tratamento de saúde nos corpos sutis, nos corpos mentais inferior, superior, nos corpos pretéritos e no corpo físico também.” – EFF.

<sup>11</sup> “Esse é o grande desafio, de ver a espiritualidade como um espaço de cuidado.” – EFF.

<sup>12</sup> “A Jurema Sagrada é uma religião de matriz indígena do Nordeste do Brasil. Sua prática já existia em nossas terras antes da chegada dos colonizadores portugueses e dos escravizados africanos no século XVI, pois os indígenas aqui já estavam. A religiosidade da Jurema tem como tronco central juremológico uma árvore sagrada: a Jurema Preta (*mimosa hostiles* ou *mimosa tenuiflora*). Esta árvore, que ao mesmo tempo é elemento essencial para o preparo da bebida sagrada de feitos transcendentais psicoativos de mesmo nome, também é elemento mitológico que compõe o centro do mundo encantado das Cidades da Jurema (que seriam sete, quatorze ou vinte e um reinos e cidades encantadas / espirituais).” - Revista Senso.

<sup>13</sup> Cântico da Jurema: “Caboclinha da Jurema / eu dancei no seu toré / para me livrar das flechas / dos tapuios dos Canindé. / Ho Rei Canindé / ho Rei Canindé / palma de Jurema / ao Rei Canindé / palma de Jurema / ao Rei Canindé” - Pajé IGP.

pessoas que já viveram... outros indígenas que já viveram e que acabam se manifestando ali e você pode chegar até eles e pedir bênçãos, enfim... como eu mencionei anteriormente. Inicialmente, eu fiquei do lado de fora da roda apenas assistindo e depois eu fui convidada por uma indígena à entrar na roda, depois de ter consagrado a bebida, que também se chama Jurema. Então, consagrei a bebida e entrei. Então, eu fiquei a maior parte do ritual na roda e ali eu aprendi a cantar o que estavam cantando, a dançar o que estavam dançando, e é uma energia muito boa, é algo que te envolve, que te acolhe e é... [🙏 silêncio] é muito gostoso.

RT: E como você relaciona, você como profissional de saúde, como você relaciona essa energia, esse acolhimento que você acabou de mencionar, no processo do cuidado da outra ou do outro?

GZB: Como assim?

RT: Não sei, você falando... se a gente está refletindo sobre a importância da área da saúde em valorizar, em resgatar e valorizar, em trabalhar com esses saberes tradicionais, dialogados com as ciências da saúde, a gente pode considerar que essa roda, que o que acontece nessa roda, a roda é também um processo de cuidado. Se eu envolvo pessoas que procuram a unidade as vezes apenas com a necessidade de falar, elas não precisam estar sentindo dor aqui ou dor ali, não estão com alguma dor de barriga ou dor de cabeça, as vezes estão apenas necessitando falar, estão necessitando conversar, necessitando trocar. Eu posso considerar que uma roda dessas é um processo de cuidado. Ela é um processo de acolhimento. Você mesmo usou essa palavra, dizendo que se sentiu acolhida. O acolhimento é uma premissa da estratégia de saúde da família. Só que quando a gente fala do acolhimento dentro dessa lógica da saúde da família, a gente não considera esse tipo de experiência, a gente não considera por exemplo, convidar os indígenas Potiguara para fazer um Ritual da Lua Cheia em uma unidade de saúde da família lá da cidade onde você trabalha (risos)...

GZB: (risos) Com certeza não...

RT: ...para fazer um acolhimento.

GZB: (risos) Com certeza, não. O que se entende por acolhimento? Quando eu digo que ali eu me senti acolhida, pois bem, eu cheguei, conhecia poucas pessoas dessa minha vivência no ano passado, e eu estava ali, inclusive com pessoas das unidades de saúde que eu estava trabalhando e elas frequentam o espaço dos Potiguara e não era a primeira vez que elas estavam lá. O meu próprio anfitrião estava lá nesse dia e é uma pessoa que respeita e trabalha com... e as meninas com quem

eu morei esse tempo lá também estavam e estão sempre. Quando eu digo que me senti acolhida, eu estava acolhida, me senti acolhida, porque... eu fui convidada para participar, entrei na roda porque quis... senti a necessidade e entrei. Fui convidada para, senti que poderia e fui acolhida, imediatamente. Agora... bom, (risos) você levanta uma questão que eu fico até pensando... eu imagino como seria esse ritual acontecendo dentro de uma unidade de saúde e eu vejo como inviável, por conta da própria população, de não aceitar... não aceitaria...

RT: Mas é interessante...

GZB: Meu Deus, não aceitaria... (risos)

RT: É interessante o que você acabou de falar: lá no ritual tinham pessoas que trabalham nas unidades...

GZB: Sim...

RT: Tinha pessoas da gestão da saúde. Seu anfitrião era da gestão. Certamente, essas pessoas, para elas estarem lá e participando ativamente, elas respeitam, reconhecem, valorizam e acreditam. Mas aquela experiência, não entra no espaço formal da unidade, ela acontece no espaço marginal.

GZB: Acontece no espaço marginal, assim como os projetos de extensão acontecem dentro da comunidade e a comunidade não é assistida dentro da universidade. Quando é que você tem um projeto de extensão desenvolvido com qualquer comunidade onde a comunidade frequenta a universidade? Não tem. É o aluno, no seu saber acadêmico, na sua supremacia, sai de seu Olimpo e visita... onde? A sua criação... [👁️silêncio] quando é que a criação vai até o Olimpo?

[👁️silêncio]

RT: Olha como é interessante isso que estamos abordando e como mexe com estruturas de poder muito forte. Interessante a gente também parar para pensar, quando a gente reflete, nos vemos caindo nas armadilhas da incoerência. É muito interessante isso...

GZB: Não é?!?!

RT: Como que a gente, apesar de fazer esse movimento, apesar de a gente trabalhar nesse campo da aproximação dos saberes, do diálogo entre saberes, a gente continua ainda, do ponto de vista do espaço, a gente continua ainda mantendo espaços separados...

GZB: Sim...

RT: As coisas ainda não se relacionam, as coisas ainda não acontecem simultaneamente.

GZB: Sim... vou citar um exemplo: a horta, ou o horto... porque que não é possível desenvolver esse projeto de horta / horto dentro da universidade e a comunidade ir até lá, os interessados irem até lá e desenvolver ali e dialogar ali e fazer o espaço ali, dentro da universidade? Podemos levantar, por exemplo, a primeira dificuldade: locomoção – sabemos que é muito complicado, sabemos que dentro da comunidade é mais fácil para a população ter acesso porque já está ali. Pois bem, as vezes as pessoas não têm condições de comprar o arroz para dentro de casa, vão ter condições de se deslocar até a universidade?

Mas eu posso pensar em alternativas: as vezes a universidade tem uma van, um transporte que levaria os alunos até essa comunidade, não pode fazer o inverso? As vezes tentamos financiamento para alunos fazerem estágios e ações, porque não é possível tentar uma parceria com o município ou com a universidade, para essa comunidade ter um meio de transporte para ir até a universidade? Porque o inverso não é possível? Porque é tão difícil? Claro que seria complicado, inclusive, trabalhar a comunidade essa questão dela ir até esse lugar, que é o Olimpo. Que é um lugar inacessível para ela. Quando as pessoas dessa comunidade teriam acesso à universidade? Jamais... talvez seja o sonho dessas pessoas que os filhos, os netos, os sobrinhos consigam entrar, mas não elas. É um lugar que elas não se veem. Porque não desmistificar isso? Porque não mudar isso?

RT: Verdade, acho que você coloca um ponto muito interessante. Boaventura fala que “... a experiência social em todo o mundo é muito mais ampla e variada do que o que a tradição científica ou filosófica ocidental conhece e considera importante. (...) esta riqueza social está a ser desperdiçada. É deste desperdício que se nutrem as ideias que proclamam que não há alternativa, que a história chegou ao fim e outras semelhantes” (2020, p 2). É um pouco isso, não é?!?! Tudo isso que nós falamos... a experiência dos nossos avós, com os chás, a sua experiência, ainda que ela seja recente, mas a sua experiência fora desse campo tradicional da ciência, a experiência da ACS que foi sua preceptora, a experiência daquelas comunidades que você se relacionou em sua vivência, a experiência que os indígenas Potiguara em seus rituais e particularmente no Ritual da Lua Cheia demonstram, as experiências das comunidades onde as universidades atuam – são experiências sociais que não são consideradas, que estão sendo desperdiçadas [silêncio]. E como podemos trabalhar, como podemos atuar, no sentido de primeiro, dar visibilidade? É preciso dar visibilidade. É preciso retirar essas experiências da invisibilidade, do apagamento, da ausência. É preciso reescrever essas histórias. E vamos trazer Walter Benjamin, quando ele fala que é possível no presente, fazer a redenção do passado. Se eu trago essas experiências para o presente, eu estou



resignificando esse passado onde essas experiências aconteceram. Esse passado deixa de ser lembrança longínqua que em algum momento alguém vai lembrar e vai contar em uma roda de conversa animada... o passado será memória e memória é história. Eu estou de alguma forma, trabalhando a redenção do passado e trazendo o passado para o presente, esticando esse presente. Não estou trabalhando apenas na perspectiva do futuro, eu estou expandindo o presente com essas experiências. Eu não sei se faz sentido o que eu falei agora, quer comentar?

[☺ silêncio]

GZB: Não, eu quero meditar... (risos)

### O que pensamos disso? (Conclusão)

A locomotiva segue em direção ao abismo e não seguir com ela é uma decisão de mulheres e homens que não aceitam ser parte de uma história contada pelos vencedores. O futuro prometido pela modernidade é um tempo que não existe para os vencidos, pois não há lugar na locomotiva para os demitidos e demitidas da vida (FREIRE, 2020, p 42).

Emergir do lamaçal do pensamento hegemônico, que aliena, é descobrir caminhos. Perceber que caminhar pode ser libertador, é conhecer nosso papel na história... na história escrita e contada nas rodas de Jurema em noites de lua cheia, nas mãos que produzem as tinturas, na história contada pelas velhas e velhos que sabem dos chás e da vida vivida dia a dia... na história escrita e contada pelos povos indígenas, quilombolas, caiçaras, das florestas... na história vivida e contada por mulheres e homens que habitam os campos e as cidades... na história desenhada pelas nossas experiências, que tecem nossos caminhos.

Segundo Larrosa, é necessário separar a experiência da informação (2002, p 22). No caso da vivência em Farmácia Viva, inspiração de nossa narrativa, não é suficiente sabermos (obtermos informação) sobre as tinturas e a espiritualidade. É preciso vivermos a experiência de plantarmos, de cuidarmos, de colhermos, de separarmos os ingredientes para a produção das tinturas, de prepararmos as misturas, de envasilharmos, para enfim, conversarmos com as pessoas sobre seus usos. Viver essa experiência, é descobrir que os tempos são vários e não apenas esse, o tempo único e hegemônico de que somos prisioneiros. Cada saber, cada cultura, cada visão de mundo, tem um tempo próprio e é possível vivermos simultaneamente nesses diferentes tempos, uma conjugação de tempos, ritmos e caminhos. Boaventura nos sugere que podemos “contrapor à lógica da

monocultura do tempo linear com uma constelação pluralista de tempos e durações de modo a libertar as práticas e os saberes que nunca se pautaram pelo tempo linear” (2002, p 41).

Nesse caminho que escolhemos caminhar, onde nos permitimos nos encantar e nos tocar... nesse caminho que escolhemos nos expor, que decidimos ser esse sujeito “que tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião” (BONDÍA, 2002, p 25), encontramos mulheres e homens, coletivos e comunidades, com diferentes experiências sociais, que resistem e lutam contra o apagamento de seus saberes, de suas experiências. Encontramos “um montão de gente, um mar de fogueirinhas” (GALEANO, 2015, p 13), pessoas que “incendeiam a vida com tamanha vontade que é impossível olhar para elas sem pestanejar e quem chegar perto pega fogo” (GALEANO, 2015, p 13).

O caminho é lugar de encontros. Essa locomotiva enlouquecida, que ruma ao abismo, é espaço de desencontros, de distanciamentos. Se escolho a locomotiva, escolho ver a vida através da janela e não me exponho. Escolho a “ruína do ser, que substitui o ser pelo ter, as qualidades pelas quantidades mercantis, substitui as relações humanas pelas monetárias; os valores morais ou culturais pelo único valor que vale, o dinheiro” (LÖWI, 2019, p 24).

O caminho é lugar de encontros, inclusive encontros com o passado. Para Boaventura, “é preciso reinventar o passado de modo a restituir-lhe a capacidade de explosão e de redenção” (1996, p 8) e a “capacidade de redenção do passado reside nesta possibilidade de emergir inesperadamente, num momento de perigo, como fonte de inconformismo” (1996, p8).

Talvez estejamos certos em pensar a nossa utopia, como sendo a revolução, esse ato, dessa constelação de gentes que encontramos no caminho durante a vivência na Paraíba, que se encontram com outras constelações de gentes espalhadas por terras brasileiras e latino americanas, terras africanas e asiáticas... em qualquer lugar onde vivam os demitidos e demitidas da vida (FREIRE, 2020, p 42), que irão acionar o “freio de emergência” da história (LÖWI, 2005, p 156).

### Com quem dialogamos? (Bibliografia)

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, n 19, jan/fev/mar/abr, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 73.ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GALEANO, Eduarco. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2015.

GARCIA, Regina Leite (org). **Método: Pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2020.

LÖWI, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio – Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”**. São Paulo: Boitempo, 2005.

LÖWI, Michael. **A revolução é o freio de emergência – ensaios sobre walter benjamin**. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**.

[http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Sociologia\\_das\\_ausencias\\_RCCS63.PDF](http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Sociologia_das_ausencias_RCCS63.PDF) .

Data do último acesso: 28/11/2020.

### Outras fontes...

Povos Indígenas no Brasil – ISA. **Potiguara**. Apresenta conteúdo sobre o povo Potiguara. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Potiguara>> . Último acesso em: 09/01/2021.

Paraíba criativa: A cultura paraibana no mundo da economia criativa. **Índios Tabajara**. Apresenta conteúdo sobre a etnia Tabajara. Disponível em: <<https://www.paraibacriativa.com.br/artista/indios-tabajaras/>>. Último acesso em: 14/01/2021.

Revista Senso. **A Jurema Sagrada – Resiliente religião de matriz indígena do Nordeste do Brasil**. Apresenta informações sobre a Jurema. Disponível em: <<https://revistasenso.com.br/jurema/jurema-sagrada-resiliente-religiao-de-matriz-indigena-nordeste-brasil/>>. Último acesso em: 12/01/2021.